

1.

Introdução

1.1

O conhecimento de Platão sobre Heráclito e os heraclíticos

Há fortes evidências de que Platão teve acesso ao livro de Heráclito em sua forma original, e não apenas possuiu um conhecimento indireto de sua filosofia.¹ Platão é também uma fonte importante de citações e de doxografia a respeito de Heráclito, assim como é uma das pouquíssimas fontes para nosso conhecimento do heraclítico Crátilo.² E não é uma fonte qualquer: é a mais antiga e a primeira cujo texto se conservou integralmente até os dias de hoje.

Há muito pouca informação confiável sobre a vida e a atuação filosófica de Heráclito. Em contraste, existe uma abundante biografia lendária, composta de anedotas, de descrições de seu caráter, e de versões sobre a sua morte. Os dados seguros sobre a vida de Heráclito são que ele nasceu em Éfeso, colônia grega na Ásia Menor – e território hoje pertencente à Turquia –, em data estimada em cerca de 544 a.C.³ Diógenes Laércio, cuja obra *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* é

¹ Ver um pouco mais adiante, ainda nesta Introdução, alguns dos indícios de que é muito implausível que Platão tenha tido somente um conhecimento indireto do texto de Heráclito.

² Possuímos somente duas fontes independentes de doxografia sobre Crátilo, das quais todas as outras fontes parecem ser tributárias: o *Crátilo* de Platão e três passagens da *Metafísica* de Aristóteles. Cf. Serge Mouraviev, “Cratylos D’Athenes”, in R. Goulet (dir.), *Dictionnaire des Philosophes Antiques* (Paris: CNRS, 1994), vol. II, p. 506.

³ Cf. Diogenes Laertios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (Brasília: EdUnB, 1988), IX, 1. A correção desta data, considerada a data aproximada do nascimento de Heráclito, é indicada pelo

a fonte mais rica para seus dados biográficos, apresenta as diversas variantes que já perpassavam sua fama no séc. III d.C. Em sua obra, ele diz que Heráclito era filho de Blóson e membro de uma família aristocrática de Éfeso. Depois de se recusar a elaborar as leis e a participar do governo de sua cidade, e de renunciar, em favor do irmão, ao direito de reinar, teria acentuado o desprezo que já manifestava pelos efésios – por terem banido seu amigo Hermodoro –, afastando-se do convívio com seus concidadãos, primeiro retirando-se para o templo de Ártemis, onde foi jogar ossinhos com as crianças, e depois indo viver nas montanhas. Lá teria escrito seu livro e em seguida tê-lo-ia depositado no templo da deusa Ártemis. Teria depois adoecido e retornado à cidade. Sua morte, ocorrida em torno de 474 a.C., é ora atribuída à hidropisia, ora ao ataque de cães, ora a outra doença.⁴

Que o livro de Heráclito tenha de fato existido não foi sempre consenso entre os estudiosos. Kirk, por exemplo, afirmou que o livro poderia ser o resultado da compilação dos ditos de Heráclito por outrem. Entretanto, muitos foram os intérpretes de Heráclito que sustentaram, seguindo diversos testemunhos e com base na desenvoltura com que muitos autores o citaram, que o livro de fato existiu.⁵ Hoje não se encontra mais quem duvide da real existência do livro do Efésio.

O livro de Heráclito circulou por um período e, ao longo do tempo, se perdeu, assim como as obras de todos os pré-socráticos. O que se conhece da obra do Efésio, os seus fragmentos, deve-se a citações de suas palavras feitas por outros autores. Essas citações, nas obras em que aparecem, são trechos contextualizados, e não fragmentários. Os autores que citam os célebres fragmentos são, portanto – e isso se revela no contexto das citações –, também seus intérpretes.

fragmento 40, em que Pitágoras, Xenófanes e Hecateu – homens que morreram entre 510 e 480 a.C. – são citados.

⁴ Cf. Diogenes Laertios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (op. cit.), IX, 1-6.

⁵ Cf. G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (Londres: Cambridge University Press, [1954] 1978), p. 7. Para a posição favorável à existência do livro de Heráclito, ver, por exemplo, W. K. C. Guthrie, *A History of Greek Philosophy* (Cambridge: Cambridge University Press, [1962] 1977), vol. 1, p. 407-408; Charles H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (Londres: Cambridge University Press, [1979] 1999), p. 3.; e Marcel Conche, *Héraclite. Fragments* (Paris: Puf, [1986]

A circulação de cópias do livro de Heráclito – que teria ocorrido durante a Antiguidade até os primeiros séculos da era cristã – e a disseminação oral de suas idéias fizeram com que a sua filosofia logo ultrapassasse as fronteiras das cidades gregas da Ásia Menor. Vale notar que a transmissão oral, que era o principal meio de difusão de idéias e obras dos filósofos pré-socráticos, não foi tão intensa no caso do Efésio, pois ele não teve discípulos diretos. Mas isso não impediu que sua obra fosse disseminada e ganhasse fama rapidamente, a ponto de logo aparecerem partidários – reais ou presumidos – de suas teorias que se autoproclamavam heraclíticos.⁶ A rapidez e a amplitude da propagação da obra de Heráclito se evidenciam quando notamos, por exemplo, que Empédocles e Demócrito – quase seus contemporâneos – estavam muito familiarizados com sua obra e sua filosofia.

No século V a.C., a obra do Efésio chegaria a Atenas. Diógenes Laércio, além de contar que em meados do séc. V Eurípides apresentou o livro de Heráclito a Sócrates, fala também de Crátilo, um ateniense que se dizia um heraclítico e, de fato, passou a ser considerado o “discípulo” de Heráclito por excelência.⁷ Tudo o que hoje sabemos sobre Crátilo e sobre suas idéias depende de fontes indiretas e está de um modo ou de outro ligado ao heraclitismo que os próprios antigos lhe atribuíram. Estima-se que Crátilo tenha nascido aproximadamente em 450 a.C., e que ele tivesse cerca de 20 anos menos que Sócrates e 20 anos mais que Platão.⁸

Platão, que viveu entre os fins do séc. V e a primeira metade do séc. IV a.C., é o autor mais antigo a citar Heráclito. Apenas duas são as suas citações de Heráclito, mas muitas são as referências a ele, sejam elas explícitas – o que ocorre em pelo menos seis de seus diálogos –, sejam implícitas – o que parece poder ser encontrado ao longo de toda a sua obra. Platão também se referiu diversas vezes aos heraclíticos, e sobretudo a Crátilo, que é o personagem central do diálogo que leva seu nome no título.

1991), p. 7.

⁶ Cf. Diogenes Laertios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (op. cit.), IX, 6.

⁷ Cf. Diogenes Laertios, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres* (op. cit.), II, 22 e III, 6.

⁸ Cf. Serge Mouraviev, “Cratylos D’Athenes” (op. cit.), p. 503.

Em muitos relatos a respeito da vida de Platão consta que, quando ele ainda era jovem, teve contato não apenas com a filosofia de Sócrates, mas também com a filosofia de Crátilo, o auto-intitulado heraclítico. Aristóteles diz o seguinte sobre a relação entre Platão e Crátilo:

Pois, tendo se familiarizado ainda jovem com Crátilo e com as opiniões de Heráclito, segundo as quais todas as coisas sensíveis fluem sempre e não há ciência acerca delas, [Platão] sustentou esta doutrina também mais tarde. Por outro lado, ocupando-se Sócrates dos problemas morais e não da natureza em seu conjunto, mas buscando neles o universal, e tendo sido o primeiro que aplicou o pensamento às definições, [Platão] aceitou seus ensinamentos, mas por aquele motivo [por estar familiarizado com as opiniões de Heráclito] pensou que isto [o universal] se produzia em outras coisas, e não nas sensíveis.⁹

O heraclitismo de Crátilo é afirmado por quase todas as nossas fontes, a começar por Platão (*Crátilo*, 440e; 401d-422c) e Aristóteles (*Metafísica* 987a 32; 1010a 7), e depois por diversos biógrafos de Platão e por comentadores de Aristóteles. Das doutrinas de Heráclito, consta que Crátilo professava tanto a tese do “fluxo universal” quanto a tese da “retidão natural dos nomes”. Em sua obra, Platão mostra ter conhecido e discutido essas duas doutrinas, o que fica claro quando observamos que ambas constituem os temas centrais do diálogo *Crátilo* e que a primeira delas (a doutrina heraclítica do fluxo universal) é uma das teses mais discutidas no diálogo *Teeteto*.

⁹ ἐκ νέου τε γὰρ συνήθης γενόμενος πρῶτον Κρατύλῳ καὶ ταῖς Ἡρακλειτείοις δόξαις, ὡς ἀπάντων τῶν αἰσθητῶν αἰεὶ ῥεόντων καὶ ἐπιστήμης περὶ αὐτῶν οὐκ οὔσης, ταῦτα μὲν καὶ ὕστερον οὕτως ὑπέλαβεν· Σωκράτους δὲ περὶ μὲν τὰ ἠθικὰ πραγματευομένου περὶ δὲ τῆς ὅλης φύσεως οὐθέν, ἐν μέντοι τούτοις τὸ καθόλου ζητοῦντος καὶ περὶ ὀρισμῶν ἐπιστήσαντος πρώτου τὴν διάνοιαν, ἐκείνον ἀποδεξάμενος διὰ τὸ τοιοῦτον ὑπέλαβεν ὡς περὶ ἐτέρων τοῦτο γιγνόμενον καὶ οὐ τῶν αἰσθητῶν· (Aristóteles, *Metafísica A*, 987 a32-b5). Diógenes Laércio também afirma que Platão freqüentou Crátilo, mas, ao contrário de Aristóteles, diz que seu contato com o heraclítico ocorreu após a morte de Sócrates: “Dizem que a partir de então, aos 20 anos, tornou-se discípulo de Sócrates. Quando este morreu ele passou a seguir Crátilo, adepto da filosofia de Heráclito”. τοῦντεῦθεν δὴ γεγωνῶς, φασίν, εἴκοσιν ἔτη

Não se sabe se Crátilo escreveu alguma obra, nem se ele ensinou sistematicamente, e nossas fontes para o conhecimento de suas doutrinas são pouquíssimas. As principais fontes, o *Crátilo* de Platão e a *Metafísica* de Aristóteles, atribuem a Crátilo as seguintes teses: “todas as coisas possuem nomes justos conformes à sua natureza” (*Crátilo*, 383a-384a, 390d-e, 427d); “todas as leis são igualmente justas” (*Crátilo*, 429b); “é impossível dizer o falso” (*Crátilo*, 429d); “todas as coisas estão sempre em fluxo” (*Crátilo*, 401d-422c, 436e-437a; *Metafísica*, 987a 32, 1078b 12, 1010a 7); e “das coisas que mudam não é possível dizer verdade, e não se deve dizer nada” (*Metafísica*, 1010a 7-13).

Todos os antigos sustentam que a tese do fluxo universal defendida por Crátilo tem sua origem em Heráclito. Mas alguns testemunhos sobre Crátilo mostram que ele foi freqüentemente considerado “mais heraclítico” que o próprio Heráclito no que toca à teoria do fluxo. Aristóteles, por exemplo, diz o seguinte sobre a relação e sobre as diferenças entre Crátilo e Heráclito a respeito dessa teoria:

Além disso, estes filósofos, vendo que toda esta natureza sensível se move, e que nada se diz com verdade do que muda, acreditaram que, ao menos acerca do que muda sempre totalmente, não é possível dizer a verdade. Desta concepção surgiu, com efeito, a opinião mais extremada entre as mencionadas, a dos que afirmam que heraclitizam, tal como Crátilo, que, finalmente, acreditava que não se devia dizer nada, limitando-se a mover o dedo, e censurava Heráclito por haver dito que não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, pois ele acreditava que [não é possível entrar] nenhuma.¹⁰

διήκουσε Σωκράτους: ἐκείνου δ' ἀπελθόντος προσεῖχε Κρατύλω τε τῷ Ἡρακλειτεῖω. (Diogenes Laertios, op. cit., III, 6).

¹⁰ ἔτι δὲ πᾶσαν ὀρώντες ταύτην κινουμένην τὴν φύσιν, κατὰ δὲ τοῦ μεταβάλλοντος οὐθὲν ἀληθεύομενον, περὶ γε τὸ πάντη πάντως μεταβάλλον οὐκ ἐνδέχεσθαι ἀληθεύειν. ἕκ γὰρ ταύτης τῆς ὑπολήψεως ἐξήνθησεν ἡ ἀκροτάτη δόξα τῶν εἰρημένων, ἢ τῶν φασκόντων Ἡρακλειτίζειν καὶ οἷαν Κρατύλος εἶχεν, ὅς τὸ τελευταῖον οὐθὲν ᾤετο δεῖν λέγειν ἀλλὰ τὸν δάκτυλον ἐκίνει μόνον, καὶ Ἡρακλειτεῖω ἐπετίμα εἰπόντι ὅτι δις τῷ αὐτῷ

Uma série de estudiosos modernos, no entanto, nega que Heráclito tenha formulado uma tese do fluxo universal, e considera inautênticos os fragmentos do rio (mais freqüentemente os fragmentos B 91 e B 49a), que são os que melhor expressam esta tese.¹¹ Eles entendem que Platão e Aristóteles propagaram uma versão cratiliana (isto é, deformada) de Heráclito, pois o Efésio na verdade estaria ressaltando o tempo todo a estabilidade na mudança e no fluxo, e não o fluxo universal. Alguns estudiosos também acreditaram que Platão teve um conhecimento muito limitado de Heráclito e pode mesmo não ter conhecido as suas sentenças autênticas mais do que nós as conhecemos.¹² Mas essa idéia não parece ser muito razoável, e isso por várias razões: os “ecos” das sentenças heraclíticas em uma multiplicidade de escritos pré-platônicos mostram a grande difusão que o livro de Heráclito deve ter tido na Jônia, Grécia e Magna Grécia até o tempo de Platão.¹³ Nessa época, uma multiplicidade de cópias devia circular; e que elas circulavam em Atenas é indicado não só por Diógenes (quando conta que Eurípedes deu uma cópia a Sócrates), mas ainda pelo fato de ter-se formado em Atenas, em torno de Crátilo, uma corrente de heraclíticos. Além disso, é indubitável o interesse de Platão pelas doutrinas do filósofo de Éfeso, que é mencionado e discutido explícita ou implicitamente ao longo de toda a sua obra. Tudo isso leva a crer que Platão, um pensador ávido de saber que teve uma relação com Crátilo, certamente buscaria ter um conhecimento direto da fonte das doutrinas deste, que era acessível na Atenas de seu tempo.

1.2

A história da conservação dos escritos heraclíticos

ποταμῷ οὐκ ἔστιν ἐμβῆναι· αὐτὸς γὰρ ᾤετο οὐδ’ ἄπαξ. (Aristóteles, *Metafísica*, IV, 5, 1010a 7-15).

¹¹ Este tema será tratado com mais detalhe no capítulo 4, no qual serão discutidos os argumentos dos defensores da inexistência de uma tese do fluxo em Heráclito.

¹² Este é o caso de G. S. Kirk, *Heraclitus. The Cosmic Fragments* (op. cit.), p. 15.

¹³ Cf. Rodolfo Mondolfo e Leonardo Tarán. *Heraclito: Testimonianze e Imitazioni* (Florença: La Nuova Italia, 1972), p. CXIX.

Depois de Platão, Aristóteles foi o primeiro a conservar citações de Heráclito. Ele fez sete citações e, assim como Platão, realizou discussões bastante detalhadas do pensamento do Efésio. Teofrasto, discípulo direto de Aristóteles, foi o primeiro autor a tentar sistematizar a filosofia e a reunir os dados biográficos mais importantes de Heráclito e de outros filósofos pré-socráticos. Sua obra se perdeu, mas é provável que tenha constituído uma das bases para os relatos registrados por Diógenes Laércio.¹⁴

O interesse por Heráclito não parou de crescer e foi de fato muito intenso durante o período helenístico. Muitos foram os autores e as obras, pertencentes a diferentes escolas e movimentos, que dele se ocuparam. O ápice da influência filosófica de Heráclito foi alcançado na obra dos estóicos, que, em conjunto com os neoplatônicos e os primeiros doutrinadores cristãos, citaram a maior parte dos fragmentos heraclíticos. As mais abundantes citações foram feitas pelos autores cristãos Clemente de Alexandria, Hipólito de Roma e Orígenes de Alexandria, responsáveis pela preservação de 47 fragmentos.

Outra fonte importante para os fragmentos originais de Heráclito foi produzida pelo antologista Estobeu, no séc. V d.C. Kahn lembra que a antologia de Estobeu foi compilada quase um milênio depois da composição original do livro do Efésio e afirma que, embora seja provável que muitas de suas citações fossem de segunda mão (feitas com base em antologias ou autores mais antigos), não há por que duvidar de que o livro ainda estivesse disponível em sua forma original nesse período.¹⁵ A partir do século VI d.C., a importância e a memória do pensamento de Heráclito quase se extinguiram. Afora a difusão abundante, durante a Idade Média, da imagem pictórica do Heráclito melancólico e choroso em oposição ao Demócrito alegre e risonho, pode-se dizer que nesse período Heráclito permaneceu praticamente esquecido. Entretanto, seis fragmentos foram conservados durante o Medievo, principalmente por autores e dicionários bizantinos. É curioso observar, ainda assim, que ao longo de quatro séculos não se fez nenhuma citação da obra de Heráclito – período este situado entre as citações

¹⁴ Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 4.

¹⁵ Cf. C. H. Kahn, *The Art and Thought of Heraclitus* (op. cit.), p. 5-6.

do antologista Estobeu (séc.V d.C.) e do dicionário *Etymologicum Magnum* (séc. IX d. C.). O último autor a citar Heráclito foi Alberto Magno (1193-1280).

Na Idade Moderna, começa-se a reunir, compilar e editar as citações de Heráclito espalhadas em muitas obras. O primeiro a fazê-lo foi o compilador e editor francês Henri Estienne, também conhecido por seu nome latino Henricus Stephanus, em seu *Poesis Philosophica*, publicado em 1573. Diversas outras edições se lhe seguiram, entre elas a do filósofo e teólogo alemão Friedrich Schleiermacher (séc. XVIII) e a do filólogo inglês Ingram Bywater (séc. XIX). Em 1901, o filólogo alemão Hermann Diels publicou seu volume dedicado a Heráclito, *Herakleitos von Ephesos*, no qual reuniu os fragmentos que valem até hoje como padrão do corpo heraclítico. Em 1903, Diels inseriu o conjunto de fragmentos heraclíticos na obra *Die Fragmente der Vorsokratiker*, que apresenta os fragmentos de Heráclito e dos demais pré-socráticos. Essa obra foi revista e expandida três vezes por Diels, e foi finalmente revisada e editada duas vezes por Walther Kranz.¹⁶ Diels considerou 131 fragmentos de Heráclito autênticos (sem contar o fragmento 109, que é igual ao fragmento 95) e adotou um critério extrínseco ao ordená-los, a saber, a ordem alfabética dos nomes dos autores que os citaram. A única exceção é a citação que engloba os dois primeiros fragmentos, considerados, desde Sexto Empírico, componentes da introdução do livro de Heráclito. Os fragmentos catalogados por Diels, bem como sua numeração, são até hoje padrão e referência para as edições dos textos remanescentes de Heráclito. Entretanto, desde Diels até hoje, vários são os autores que se ocupam com o estabelecimento do texto heraclítico, propondo-lhes também diferentes ordenações e numerações.

Nos séculos XIX e XX, o pensamento de Heráclito despertou enorme interesse e teve bastante influência sobre a obra de grandes filósofos, como Hegel, Nietzsche e Heidegger, que não apenas buscaram mostrar o papel de Heráclito na história da filosofia grega, como também procuraram deixar clara a atualidade de seu pensamento. Além disso, a filosofia de Heráclito tem sido objeto de inúmeros

¹⁶ Nesta obra, são apresentadas, para cada pré-socrático, tanto as citações de seus livros transmitidas por escritores posteriores, quanto material de fonte secundária, conhecido como *testimonia* (comentários sobre as obras, relatos sobre as vidas e descrição das idéias filosóficas dos pré-socráticos).

estudos realizados por filólogos, pesquisadores de filosofia antiga e de história da filosofia mundo afora.

O Heráclito que aparece nas páginas de seus diversos intérpretes, dos mais antigos aos mais contemporâneos, carrega as múltiplas e controversas imagens que dele se construíram nas sucessivas leituras, citações, paráfrases, imitações, reconstituições e interpretações de seus escritos. De todos os seus leitores, Platão foi o primeiro a estabelecer a oposição entre Heráclito e Parmênides, e a evocar a imagem dos “mobilistas e imobilistas”, que desde então é muito célebre e constitui um lugar comum quase onipresente na história da filosofia.¹⁷ Além disso, foi através dos diálogos de Platão – tenham eles sido bem compreendidos ou não – que se constituiu a célebre interpretação de Heráclito, predominante até os dias de hoje, como a do pensador cuja tese mais importante, definidora e decisiva é a que diz *pánta reî*, tudo flui.¹⁸

1.3

Platão lendo seus predecessores

Quando buscamos chegar a uma compreensão apropriada do ponto de vista histórico, e expressiva do ponto de vista filosófico, dos enunciados de Heráclito e dos demais pré-socráticos, cujas obras se perderam, podemos dar de antemão uma certa prioridade à nossa testemunha mais antiga, que é Platão. Mas tanto Platão quanto os outros autores tardios que nos transmitiram as citações dos pré-socráticos, embora tivessem acesso ou familiaridade com os escritos que citavam, ao mesmo tempo deles se apropriavam para seus próprios propósitos. Esses autores, Platão inclusive, transmitiram seu próprio pensamento através de sua referência a Heráclito e aos demais predecessores.

¹⁷ No que concerne à gênese da oposição entre mobilistas e imobilistas, lê-se com proveito o artigo de Francesco Fronterotta, “*Réontes kai Stasiotai: Héraclite et Parménide chez Platon*”, *Les Cahiers Philosophiques de Strasbourg. Les Anciens Savants* (Tome 12, Automne 2001), p. 131-156.

¹⁸ Cf. *Teeteto*, 181c; *Crátilo*, 401d-e, 402a-c.

O primeiro problema que se apresenta quando buscamos ver Platão como uma fonte para o conhecimento de Heráclito, e dos pré-socráticos em geral, é que Platão não é um historiador da filosofia. Muitos argumentos foram oferecidos para sustentar a idéia de que Platão nem fez nem poderia fazer história ou historiografia filosófica. Um dos argumentos usados se baseia em declarações, encontradas na própria obra platônica, de que tudo o que foi produzido antes de Platão seria ou investigação sobre a natureza, ou mito, ou sofística. Este argumento não é no entanto o único utilizado, nem é aceito por todos, pois pode-se considerar problemática uma leitura que, por levar tão a sério as passagens do texto platônico em que os seus antecessores são tratados de forma severa, chega ao ponto de concluir que Platão não os considerou filósofos.¹⁹

Mas outra razão pode ser apresentada: trata-se do argumento que ressalta que a dimensão cronológica linear – a dimensão em que a filosofia pode ser concebida historicamente – não é uma preocupação de Platão e é algo que ele subverte freqüentemente.²⁰ Além disso, pode-se alegar, como faz Monique Dixsaut, que, quando um filósofo aborda historicamente o passado da filosofia, ele delimita o campo da filosofia, constrói sua continuidade e concebe a si mesmo como cume ou ponto de ruptura dessa história. Concordo com esta autora, quando ela diz:

Essa história não existe senão por um movimento de uma verdade que ele, filósofo, detém mais completamente; ele é portanto o único capaz de elevar à sua verdade os filósofos que o precederam e de revelar os erros ou insuficiências deles. Todas as outras filosofias são assim convertidas em momentos de um devir que conduz a uma filosofia determinada, seja de maneira contingente – o que nos faz lembrar dos “soldados não adestrados” de Aristóteles (*Metafísica A*, 985a) – ou necessária, como em Hegel. Se é na constituição desse

¹⁹ Cf. Monique Dixsaut e Aldo Brancacci, “Introduction”, in *Platon: Source des Présocratiques* (Paris: Vrin, 2002).

²⁰ Um exemplo célebre é o encontro do jovem Sócrates com o velho Parmênides, no diálogo *Parmênides*.

tempo orientado que reside a possibilidade de uma história filosófica da filosofia, tudo mostra que Platão a recusa.²¹

Platão, de fato, não parece abordar seus predecessores a partir da suposição de um “tempo orientado”. É para Aristóteles (*Metafísica*, I, 6, 987a32-b10) que Platão é um resultado ou uma “culminação”. Para ele, Platão teria primeiro se familiarizado com Crátilo, o heraclítico, e com as opiniões de Heráclito, e deles teria conservado a concepção de uma realidade sensível em fluxo perpétuo, sobre a qual não haveria ciência; teria em seguida retido de Sócrates seu interesse pelos problemas éticos e pelas definições; e teria também se inspirado na teoria pitagórica dos números. Assim, finalmente, pensando que o universal não se produzia nas coisas sensíveis, teria separado as idéias das coisas sensíveis e teria trocado para o nome de participação aquilo que os pitagóricos chamavam de imitação.

Segundo Dixsaut, não se pode atribuir a Platão uma abordagem histórica de seus antecessores também em virtude de seu anonimato obstinado. Como observa a autora, a palavra de Platão é polifônica, habitada por outras palavras, e seu uso do discurso é impuro, é híbrido: “ele integra ao seu discurso, ao discutilos, os discursos dos outros, e assim os torna presentes”.²² Platão nem é personagem, nem fala em primeira pessoa em seus diálogos.²³ Além disso, aqueles que para Platão seriam antecessores, como por exemplo Protágoras e Górgias, muitas vezes aparecem como contemporâneos, pois são contemporâneos de Sócrates, que na maioria dos diálogos é o protagonista.

Essa ausência de uma história da filosofia na filosofia de Platão também parece se relacionar com a concepção platônica do pensamento como diálogo. Isso significa que para ele não haveria pensamentos passados ou ultrapassados: cada um mereceria ser examinado agora, nesse presente que é o do diálogo. Seus

²¹ Cf. M. Dixsaut e A. Brancacci, “Introduction” (op. cit.), p. 13.

²² Cf. M. Dixsaut e A. Brancacci, “Introduction” (op. cit.), p. 14.

²³ A *Carta Sétima* é o único texto platônico ostensivamente autobiográfico. Mas ela tem a autenticidade contestada por muitos, que a consideram provavelmente espúria. Cf., por exemplo, Terence Irwin, “Plato: The Intellectual Background”, in *The Cambridge Companion to Plato* (Cambridge: Cambridge University Press, 1992), p. 51-89.

encontros com outros pensadores seriam então precisamente encontros, e engendrariam um exame filosófico e não uma exposição histórica. Nesse sentido, o que Platão vê nos discursos dos que o precederam são, não doutrinas antigas, e sim questões e soluções que devem ser retomadas e postas à prova. Talvez, para Platão, conhecer bem textos e doutrinas de outros autores signifique sobretudo lhes emprestar algo que, mesmo sem desenvolver explicitamente, esses textos e doutrinas permitem pensar. Talvez signifique reconduzir cada tese aos seus pressupostos e mostrar suas conseqüências, mesmo sabendo que seu autor não as enxergou forçosamente. Platão não busca simplesmente encontrar e transmitir a sabedoria dos antigos, e sim procura extrair, daquilo que eles dizem, sua inteligência de aspectos da realidade. Nesse sentido, pode-se dizer até que Platão não tem predecessores; ele só tem interlocutores. Mas, ainda que Platão utilize, distorça, recrie, desdobre e se aproprie do pensamento de outros autores, ele ao mesmo tempo é fonte indispensável – e não apenas secundária – para o nosso conhecimento desses mesmos autores.

1.4

O que buscar na leitura platônica de Heráclito

Por mais que divirjam em suas interpretações, todos os estudiosos de Platão reconhecem que Heráclito teve uma influência decisiva na formulação da filosofia platônica, principalmente em sua concepção de mundo físico. Alguns intérpretes consideram que Heráclito e Parmênides foram lidos por Platão como elaboradores de doutrinas muito radicais e inteiramente opostas, e crêem que desses dois antecessores e antagonistas Platão herdou elementos fundamentais para sua própria filosofia. Uma corrente de interpretação da teoria das idéias de Platão enxerga, tanto na separação entre as idéias e as coisas sensíveis quanto na caracterização desses dois tipos de entidade, uma fusão do imobilismo e do monismo de Parmênides com o mobilismo e o pluralismo de Heráclito. As idéias ou formas inteligíveis, para Platão, seriam simplesmente uma pluralidade de seres possuidores dos mesmos “atributos do ser” de Parmênides, enquanto o mundo

físico seria tal como Heráclito e os heraclíticos descrevem a realidade em sua teoria do fluxo.

Segundo essa leitura, a distinção platônica entre ser e devir também seria fruto de uma adoção e fusão das filosofias de Parmênides e Heráclito: o domínio do ser consistiria em coisas que, similares ao ser de Parmênides, nunca mudam em nenhum sentido, e o domínio do devir seria constituído pelas coisas sensíveis, que, tal como teria dito Heráclito, não são estáveis de nenhum modo.²⁴ Essa interpretação da influência do pensamento de Heráclito na filosofia de Platão pode ser considerada correta ou incorreta, razoável ou exagerada, rica ou restritiva; independentemente disso, porém, ela nos mostra que a importância da leitura platônica de Heráclito não está somente no que essa leitura tem a contribuir para o conhecimento da filosofia de Heráclito, mas também no que ela pode revelar acerca da própria filosofia de Platão.

Mais de um objetivo, portanto, pode dirigir uma investigação sobre a leitura platônica das idéias heraclíticas. Um desses objetivos pode ser verificar se Platão concordou com as teses de Heráclito, ou com parte delas, tal como as entendeu. Há, na literatura acadêmica sobre o tema da recepção platônica de Heráclito, um enorme interesse e muita controvérsia a esse respeito. Particularmente no diálogo *Teeteto*, há duas leituras antagônicas muito comuns: enquanto uma sugere que Platão concorda com a doutrina heraclítica do fluxo no que concerne às coisas e qualidades sensíveis, a outra sugere que Platão absolutamente não concorda com Heráclito, e que é o jovem Teeteto quem precisa se comprometer com a doutrina heraclítica na primeira parte do diálogo, por só assim conseguir sustentar sua definição de conhecimento. Mas, embora o tema da aprovação ou reprovação, da adoção ou rejeição das teses de Heráclito por parte de Platão seja um assunto muito relevante e seja inevitável abordá-lo, não é o principal objetivo da tese discuti-lo. Menos ainda é objetivo da tese tomar como ponto de partida uma posição definida sobre o modo como Platão julgou Heráclito. Uma das razões disto é que me parece questionável a crença de que se

²⁴ Esta é a leitura defendida, por exemplo, por Francis M. Cornford, em *Plato's Theory of Knowledge: The Theaetetus and the Sophist of Plato* (Nova York: Dover, 2003 [1957]).

deve tomar posição sobre se Platão concordou ou discordou de Heráclito de antemão, fazendo essa decisão funcionar como uma estratégia prévia de leitura que dá unidade e coesão aos argumentos apresentados em um ou mais de um diálogo, antes de percorrê-los um a um. Creio, ao contrário, que toda tomada de posição a respeito do modo como Platão julgou Heráclito deve ser fruto de uma leitura passo a passo de qualquer texto platônico em que as teses heraclíticas são discutidas.

Outro objetivo de um exame da recepção de Heráclito por Platão pode ser a verificação de quais teses imputadas a Heráclito num ou noutro diálogo platônico podem ser atribuídas a Heráclito historicamente. Mesmo considerando que Platão não foi um historiador da filosofia, me parece ser inevitável buscar pensar se – e em que medida – a transmissão que ele fez do pensamento de Heráclito é historicamente verídica ou sobretudo filosoficamente relevante; se, do ponto de vista histórico, sua transmissão é abrangente, multifacetada e rica ou excessivamente seletiva, parcial, unidimensional. O problema de uma abordagem dirigida por esse propósito é que ela pode pretender partir de um conhecimento prévio e impecável do “Heráclito histórico”, para julgar se Platão chegou a compreender Heráclito ou não. E pretender ter mais acesso ou competência para compreender bem Heráclito do que Platão seria evidentemente uma atitude equivocada e infrutífera. Todavia, o recurso a fontes e leituras de Heráclito distintas das de Platão não precisa ser feito com o intuito de julgar se Platão entendeu Heráclito “corretamente ou não”, se foi “fiel historicamente” ou não. Além disso, esse recurso pode ser muito proveitoso quando o objetivo for ver o que Platão enfatizou e o que ele deixou de lado ou tratou mais brevemente no pensamento de Heráclito, enfim, que imagem de Heráclito ele desenhou e transmitiu, e com que propósito. É neste sentido que procurarei ver se há uma correspondência substancial entre o testemunho platônico e aquilo que podemos saber a partir dos fragmentos de Heráclito e de outros testemunhos. Mas, se este é um dos objetivos desta tese, não será também por esta questão que ela se guiará inicialmente.

Nesta investigação sobre o modo como Platão compreendeu e transmitiu o pensamento de Heráclito, o que mais importa inicialmente é que Platão atribuiu

determinadas teses a Heráclito e a seus adeptos, examinou e criticou essas teses tal como elas apareceram a seus olhos, e julgou fundamental fazer essa exposição e essa crítica para construir sua própria filosofia. Além disso, importa que freqüentemente se disseminou uma visão caricatural da leitura platônica de Heráclito, visão esta que formou uma das imagens mais correntes do Efésio: a do mobilista radical cuja ontologia implicaria a impossibilidade do conhecimento e da linguagem. Portanto, meu primeiro e também principal objetivo nesta tese é examinar a interpretação que Platão constrói dos discursos e idéias heraclíticas de que ele fala. É ver os diferentes modos e contextos em que Heráclito é trazido à tona, compreendido, criticado. É investigar como Platão interpretou, transpôs e transmitiu suas idéias.

1.5

Tomando o *Teeteto* como fio condutor

Platão, quando se refere a seus antecessores, raramente os cita e nem sempre os nomeia. No caso de Heráclito, as citações textuais ou quase textuais são pouquíssimas²⁵ e as referências explícitas não são muitas,²⁶ mas as alusões indiretas, os reflexos e os ecos de expressões heraclíticas são numerosos.²⁷ Para trabalhar o tema da leitura platônica de Heráclito, pode-se partir da idéia ainda

²⁵ Platão conservou dois dos fragmentos de Heráclito listados na edição mais usada dos fragmentos, a de Diels e Kranz: os fragmentos 82 e 83, que se encontram em *Hípias Maior* (289a-b). Mas há também versões platônicas quase idênticas a versões dos fragmentos conservadas por outros autores e listadas por Diels e Kranz. Este é o caso, por exemplo, dos fragmentos 91 – que aparece como tendo sido citado por Plutarco, mas também o foi por Platão, no *Crátilo* (402a) – e 10 – que aparece como tendo sido citado por Pseudo-Aristóteles, mas também o foi por Platão, no *Sofista* (242d). Cf. H. Diels e W. Kranz, *Die Fragmente der Vorsokratiker* (7ª ed., Zürich, Weidmann, 1954).

²⁶ As menções diretas a Heráclito aparecem em quatro diálogos: *Teeteto* (152e, 160d, 179d, 179e), *Crátilo* (401d, 402a, 402b, 402c, 440c, 440e), *Banquete* (187a), *Hípias Maior* (289a, 289b), *República VI* (498b).

²⁷ Mondolfo e Tarán, por exemplo, ao fornecer uma espécie de catálogo dos fragmentos de Heráclito que encontraram alusão ou eco, mais ou menos significativo, em Platão, listam mais de cinquenta passagens de 15 diálogos platônicos. Cf. R. Mondolfo e L. Tarán. *Eraclito: Testimonianze e Imitazioni* (op. cit.), p. CL-CLVI.

mais abrangente de que o pensamento de Heráclito impregna o todo do pensamento de Platão. De fato, num certo sentido, Heráclito está em todo lugar, assim como Parmênides, Sócrates, os sofistas e outros também estão. Platão parece tê-los incorporado, e com eles nutrido todo o seu pensamento. Essa é uma das razões pelas quais é praticamente impossível determinar precisa ou exaustivamente a relação que sua filosofia tem com Heráclito e outros antecessores e contemporâneos.

Ao planejar e realizar este exame da presença do pensamento heraclítico nos diálogos de Platão, busquei resistir à heraclitização sistemática de Platão, evitando a generalização e a indistinção dessa presença. Por essa razão – e por outras razões que serão apresentadas adiante –, nesta tese, em lugar de partir do exame da totalidade das referências diretas e indiretas a Heráclito nos muitos diálogos platônicos, decidi que o ponto de partida e o fio da meada de toda a discussão seria o exame de um único diálogo, o *Teeteto*, em que Heráclito é discutido explícita e extensamente. Não deixo de utilizar, em alguns momentos, dados de outros diálogos que se referem aos mesmos assuntos, que se assemelham ou produzem contraste, que complementam ou articulam os passos do *Teeteto*. Todavia, sempre que outros diálogos são introduzidos na discussão, isso é feito a partir do percurso de leitura do *Teeteto*.

Mas qual é a outra razão para eleger o *Teeteto* como centro da investigação da leitura platônica de Heráclito? Para quem faz uma primeira leitura do *Teeteto* com interesse em observar o que lá é dito sobre o pensamento de Heráclito, o que chama logo a atenção é que, ali, Heráclito é apresentado como defensor do fluxo universal e, ao menos aparentemente, como símbolo de uma visão de mundo que nada sabe sobre a unidade e a identidade das coisas, em contraste com Parmênides, defensor de uma realidade estável e fixa. Mas se, por um lado, de Heráclito o *Teeteto* costuma formar principalmente a imagem do pensador do fluxo, e em grande medida a imagem do filósofo que, em virtude das conseqüências de sua ontologia e de seu mobilismo radical, teria trazido à tona uma interdição incontornável ao conhecimento e à linguagem, por outro, se lemos os fragmentos de Heráclito, vemos que vários elementos mostram que a questão

do conhecimento foi tematizada expressamente por ele, e que a possibilidade e a importância do conhecimento e da linguagem foram por ele afirmadas.

Já que uma primeira leitura do *Teeteto* pode facilmente produzir a estranha impressão de que a imagem de Heráclito ali desenhada não corresponde à imagem que se forma a partir do que restou de seu próprio texto, esse estranhamento pode e deve se converter num desafio para a leitura de Platão e de Heráclito: afinal, Platão estaria de fato atribuindo um mobilismo extremo a Heráclito, no *Teeteto*? Ou será que sua exposição da tese heraclítica do fluxo, no *Teeteto*, ao ser realizada em etapas que progressivamente vão apresentando versões mais e mais radicais desse mobilismo, se refere apenas inicialmente a Heráclito, para depois referir-se exclusivamente a seus seguidores extremados? E, além disso, será que o *Teeteto* está atribuindo a Heráclito somente a tese do fluxo universal, isolando assim um aspecto de sua filosofia até o ponto de produzir uma imagem muito parcial de seu pensamento? Ou será que ali Platão está apresentando uma imagem multidimensional de Heráclito, considerando outras teses de peso, como por exemplo a doutrina da unidade dos opostos, como teses de autoria do Efésio? Enfim, estas questões suscitadas pelo *Teeteto* só fizeram reiterar minha idéia de que esse é um diálogo extremamente fértil para quem busca um ponto de partida para examinar a leitura platônica de Heráclito.

1.6

Roteiro da tese

No primeiro capítulo desta tese, apresento de maneira sintética a trajetória de estudos que me levou a estranhar a leitura platônica de Heráclito no *Teeteto* e a enxergar, neste diálogo, um desafio e um campo fértil para a reflexão sobre a recepção de Heráclito por Platão. Parto do exame dos fragmentos em que Heráclito tematiza explicitamente a questão do conhecimento e, com base nas conclusões desse exame, mostro como o Heráclito pretensamente apresentado no *Teeteto* como um mobilista radical pode parecer estar sendo extremamente

distorcido, de modo a instigar uma releitura, mais minuciosa, da primeira parte do diálogo, na qual as opiniões heraclíticas são extensamente discutidas.

No segundo capítulo, inicio o exame do *Teeteto*, tratando primeiro da cronologia da composição, dos personagens, da divisão e do tema central do diálogo. Em segundo lugar, passo a acompanhar os passos do diálogo que antecedem as menções a Heráclito e aos heraclíticos. Seguindo o curso da primeira parte do *Teeteto*, apresento e examino a definição de conhecimento formulada por Teeteto, bem como a doutrina protagórica do “homem-medida” citada e interpretada por Sócrates, preparando o terreno para a associação, feita em seguida, dessa definição e dessa doutrina com as teses heraclíticas.

No terceiro capítulo, apresento e interpreto as seções do diálogo em que as teses heraclíticas são primeiramente expostas e em seguida criticadas e refutadas. Busco refletir sobre a associação das teses de Heráclito e dos heraclíticos com a questão do conhecimento, com a identificação feita por Teeteto entre conhecimento e sensação, e com a tese do homem-medida de Protágoras. Examino o modo como Platão interpretou e transmitiu o pensamento de Heráclito na primeira parte do *Teeteto*, e busco distinguir as passagens do diálogo em que Platão está claramente discutindo um mobilismo que ele atribui a Heráclito das passagens em que ele está expondo e criticando um mobilismo estendido ou radicalizado que não é mais imputado a Heráclito, e sim a seus adeptos. Finalmente, mostro que, no *Teeteto*, Platão não atribui a Heráclito apenas a tese do fluxo universal, mas também outras três teses, articulando-as e apresentando, portanto, uma imagem multifacetada da filosofia de Heráclito.

No quarto capítulo, apresento e discuto a tese, sustentada por alguns estudiosos, de que Platão interpretou mal e atribuiu um peso exagerado à concepção de fluxo de Heráclito. Para tanto, investigo se é ou não provável que a doutrina do fluxo universal, que Platão discute na primeira parte do *Teeteto* e considera ser de autoria de Heráclito, tenha efetivamente origem nos fragmentos autênticos do Efésio. Esse exame é feito com base na literatura acadêmica que discute a autenticidade e o significado dos mais célebres “fragmentos do fluxo”, os três “fragmentos do rio”. Busco mostrar que a hipótese que parece ser a mais correta é a de que Heráclito formulou de fato uma doutrina do fluxo universal, e

de que sua defesa não foi a de um fluxo extremado, e sim a de um fluxo moderado, com medida, ordem e padrão.

Finalmente, nas considerações finais, busco articular as principais questões e conclusões expostas ao longo da tese, para mostrar que é razoável sustentar três afirmações a respeito da recepção de Heráclito por Platão. A primeira é que Platão, no *Teeteto*, não transmitiu de Heráclito a imagem exagerada de um mobilista radical, e sim distinguiu as teses mais moderadas do Efésio das opiniões mais extremadas de seus adeptos. A segunda é que, se tudo indica que Heráclito nunca dissociou a tese do fluxo universal de outras teses suas, como por exemplo a da unidade dos opostos, Platão por sua vez nem enfatizou em excesso, nem isolou a tese do fluxo universal, de modo que não se deve considerar que ele atribuiu a Heráclito uma versão excessivamente reduzida ou distorcida do heraclitismo. A terceira é que, tenham ou não razão os estudiosos que afirmam que Platão concordou com versões mais ou menos extremadas do mobilismo heraclítico em períodos mais ou menos longos de sua vida, o fato é que, no *Teeteto*, Platão critica somente o heraclitismo exagerado, dando a entender que está aceitando e considerando respeitável a versão moderada da teoria do fluxo universal, tal como defendida por Heráclito.